



PRODUTO FINAL – PRD 2015

Leandro Guimarães Vargas

O (DES)INTERESSE NAS AULAS DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL NILO PEÇANHA

Rio de Janeiro
Fevereiro/2016

Leandro Guimarães Vargas

**O (DES)INTERESSE NAS AULAS DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL NILO
PEÇANHA**

Produto final apresentado ao Programa de Residência Docente, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica na Disciplina Educação Física.

Coordenador: Simone Salgado

Orientador/Supervisor: Fabiano Lange Salles

Campus de atuação no Colégio Pedro II: São Cristovão III

Área/Disciplina: Educação Física

Instituição de Origem: Rede Municipal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
Fevereiro/2016

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

V297 Vargas, Leandro Guimarães
O (des)interesse nas aulas dos alunos da escola municipal Nilo Peçanha
/ Leandro Guimarães Vargas. - Rio de Janeiro, 2016.

31 f.

Produto Acadêmico Final (Programa de Residência Docente) –
Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura.

Orientador: Fabiano Lange Salles.
Coordenador: Simone da Silva Salgado.

1. Educação física - Estudo e ensino. 2. Prática docente. 3.
Professores e alunos. I. Salles, Fabiano Lange. II. Salgado, Simone da
Silva. III. Colégio Pedro II. IV. Título.

CDD 613

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

CATALOGAÇÃO NA FONTE

(DEVE SER ELABORADO PELOS BIBLIOTECÁRIOS DA PROPGPEC E IMPRESSO NO VERSO DA FOLHA DE ROSTO (PÁGINA ANTERIOR))

Leandro Guimarães Vargas

**O (DES)INTERESSE NAS AULAS DOS ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL NILO
PEÇANHA**

Produto final apresentado ao Programa de Residência Docente, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência da Educação Básica na Disciplina Educação Física.

Aprovado em: ____/____/____.

Prof. Me. Fabiano Lange Salles (Orientador); Colégio Pedro II

Profa. Esp. Claudia Maria de Luca; Colégio Pedro II

Profa. Me. Camila Machado de Lima; Colégio Pedro II

RESUMO

Leandro Guimarães Vargas. **O (des)interesse nas aulas dos alunos da Escola Municipal Nilo Peçanha**. 2016. 31 f. Produto Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina Educação Física) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2016.

Neste artigo, pretendemos identificar os níveis de interesse dos alunos do nono ano do ensino fundamental, além de procurar entender os fatores que podem alterar esses níveis e propor ações para lidar com o desinteresse. A abordagem utilizada foi de natureza qualitativa e o processo que norteou a pesquisa foi o estudo de caso. Mais da metade dos alunos demonstrou ter pouco ou regular interesse pelas aulas, e os professores e o ambiente de sala de aula foram citados por um número significativo dos estudantes como fundamentais para a determinação do interesse pela matéria e, conseqüentemente, pelas aulas. A bagunça é apontada como maior motivo para um aluno não gostar de uma aula, seguido pela quantidade de dever e o professor como único falante. Em contrapartida, o uso de tecnologia, jogos educativos e aulas com uma interação maior dos estudantes são as que mais atraem os jovens. Sendo assim, construir bons relacionamentos é fundamental para melhorar as condições de aprendizado. Além disso, identificar as necessidades e interesses dos alunos e utilizar a tecnologia como complemento para o processo de ensino-aprendizagem ajuda na atração dos alunos por uma aula.

Palavras-chave: Interesse. Aulas. Alunos. Professores. Ensino fundamental.

ABSTRACT

Leandro Guimarães Vargas. **O (des)interesse nas aulas dos alunos da Escola Municipal Nilo Peçanha**. 2016. 31 f. Produto Final (Especialização em Docência da Educação Básica na Disciplina Educação Física) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2016.

In this article we our intend to indentify the levels of interest of students from the ninth year of the High School, we also aim to understand the factores that can alter these levels and propose actions to deal with their lack of interest. The approach used was qualitative and the focus was a case study. More than half of the students have shown little or regular interest for the classes, the teachers e the classroom environment were said, by the students, to have a direct influence in their interest for the subject and therefore, the classes. Students behavior is perceived as the most important reason for a student's lack of interest in the class, followed by the amount of assingments and the teacher-centered classes. On the other hand, the use of technology, educational games and a greater student interaction seems to be more attractive for students. Thus, building strong relationships are fundamental to improve learning conditions. Furthermore, identifying the needs and interests of students and using technology as a complement of the teaching-learning process help raising students' interest for a class.

Keywords: Interest. Classes. Students. Teachers. High School.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Níveis de interesse pelas aulas.....	17
Tabela 2 – Matérias de maior interesse.....	18
Tabela 3 – Matérias de menor interesse.....	19
Tabela 4 – O sentido dos conteúdos das matérias.....	20
Tabela 5 – Tipos de aula que os alunos NÃO gostam de assistir.....	21
Tabela 6 – Tipos de aula que os alunos GOSTAM de assistir.....	22

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3	JUSTIFICATIVA	11
4	METODOLOGIA	12
5	EMBASAMENTO TEÓRICO	13
6	RESULTADOS	17
6.1	OS ALUNOS DO NONO ANO E SEUS NÍVEIS DE INTERESSE.....	17
6.2	FATORES QUE PODEM ALTERAR OS NÍVEIS DE INTERESSE.....	20
6.3	PROPOR AÇÕES PARA LIDAR COM ALUNOS E TURMAS DESINTERESSADOS.....	23
7	CONCLUSÃO PARCIAL	26
	REFERÊNCIAS	28
	ANEXOS	30

1 INTRODUÇÃO

A falta de interesse dos alunos em sala de aula é uma das grandes preocupações dos educadores brasileiros, sendo também objeto de muitos debates e discussões pelos professores da Escola Nilo Peçanha. As reclamações dos docentes da referida escola acerca da desmotivação, pouca participação e não cumprimento das tarefas, por parte do alunado, é recorrente.

Estudos afirmam que a velocidade e a quantidade de informação que circulam a todo instante, bem como o acesso à internet e aos jogos superatrativos, são fatores que podem contribuir para o desinteresse dos jovens pela escola, na medida em que as instituições de ensino parecem não se interessar em se utilizar de recursos tecnológicos para atrair os estudantes em sala. Em recente pesquisa realizada pelo CEBRAP (2013), foi constatado que a pouca utilização de tecnologia em sala de aula, os rotineiros problemas com acesso à internet e a proibição do uso de celulares estão entre os fatores que mais incomodam os estudantes.

Todos esses fatores estão reunidos em um pequeno aparelho, inofensivo à primeira vista, mas que pode ser um verdadeiro vilão no ambiente escolar: o *smartphone*. Assim, além de todos os desafios que a docência representa, quem leciona precisa disputar atenção dos alunos com os inúmeros aplicativos e rede sociais que esses aparelhos disponibilizam.

Somado a isso, o ambiente da sala de aula pouco oferece em termos de motivação para os alunos. Em muitos casos, esse ambiente apresenta um cotidiano com uma grande quantidade de atividades maçantes e parcamente desafiadoras, além de avaliações tradicionais que visam atender à exigência de conteúdos pré-determinados. Nesse sentido, Mariani e Alencar (2005, p. 28) consideram que “as recompensas ou sanções externas, tais como, notas, competição, promoção, punições, tornam-se condicionantes do trabalho escolar”.

Frente a essas premissas e visando apurar o nível de interesse pelas aulas dos alunos do ensino fundamental 2º segmento, surgem as seguintes questões: quais os níveis de interesse dos alunos da Escola Municipal Nilo

Peçanha pelas aulas das diversas disciplinas e quais ações pedagógicas contribuem para esses níveis de interesse?

Ante o exposto, pretende-se identificar os níveis de interesse dos alunos da Escola Municipal Nilo Peçanha pelas aulas de todas as disciplinas e quais metodologias utilizadas pelos professores afetam esses níveis de interesse dos estudantes.

2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar os níveis de interesse dos alunos do 9º ano do ensino fundamental, pelas aulas;
- b) analisar os fatores que podem interferir nos níveis de interesse dos alunos do 9º ano do ensino fundamental;
- c) propor reflexões para lidar com alunos e turmas desinteressados.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha desse tema surgiu mediante inúmeras reuniões e conversas com colegas professores da Escola Municipal Nilo Peçanha que, em muitos casos, culpavam o desinteresse como justificativa para o baixo rendimento de alguns alunos e até de turmas inteiras.

A Escola Municipal Nilo Peçanha localiza-se no bairro de São Cristóvão e faz parte da 1ª Coordenadoria Regional de Educação do município do Rio de Janeiro. Atualmente, funciona em regime integral, fazendo parte do conjunto de escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro denominadas Ginásio Carioca. Atende a alunos do sétimo ao nono ano oriundos das comunidades da Mangueira, Arará, Tuiuti, dos bairros de São Cristóvão, Benfica entre outros.

Instigado pelo fato de os níveis de interesse estarem sempre sendo citados pelos colegas e por estarem diretamente ligados ao desempenho dos discentes, viu-se que era necessário escutar o principal agente nessa relação de ensino-aprendizagem: o aluno.

O presente estudo visa esclarecer as dúvidas e trazer opções acerca de um dos grandes problemas da Educação na atualidade, contribuindo, assim, para elucidar possíveis fatores de desinteresse, além de apresentar alternativas para reflexão por parte dos educadores.

4 METODOLOGIA

A abordagem utilizada nesta pesquisa será de natureza qualitativa, que, segundo Minayo,

Responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (2001, p. 21).

O processo de investigação que norteou a temática da pesquisa situou-se na metodologia do estudo de caso, já que se pretendia restringir o campo de pesquisa de forma a aprofundar e compreender detalhadamente a realidade. Gil (2002, p. 54) salienta que o “estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineadores já considerados”.

O instrumento empregado no trabalho será o questionário semiaberto ou misto, já que ele possui questões abertas, nas quais, segundo Gil (2008, p. 122), “solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas [...] Este tipo de questão possibilita ampla liberdade de resposta”, e questões fechadas, nas quais são apresentadas opções em uma lista para que o respondente escolha uma ou mais alternativas, conforme afirma Gil (2008). O questionário foi aplicado a alunos do 9º ano da Escola Municipal Nilo Peçanha, localizada no município do Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, com a faixa etária entre 13 e 16 anos. Essas turmas foram escolhidas, pois, em reunião entre os professores, se viu a necessidade de tentar entender os motivos que levam a pouca participação de alguns alunos e o desinteresse pelos temas propostos em sala de aula.

5 EMBASAMENTO TEÓRICO

A cada dia que passa, professores encontram alunos mais desinteressados em sala de aula. E esse pouco interesse é algo que diz respeito, direta ou indiretamente, a todos que estão ligados à educação. Por esse motivo, é importante que esse assunto seja tema de conversas e reflexões por toda comunidade escolar.

Educar o aluno para o mundo talvez seja a maior função da escola. Dar condições para seu desenvolvimento frente a uma sociedade altamente competitiva e de grandes e rápidas mudanças não é das tarefas mais fáceis. A escola como reflexo da sociedade tem perdido espaço para os avanços tecnológicos, e, segundo Knüppe (2006), os atrativos oferecidos por essa despertam interesses que estão além do simples fato de frequentar uma escola que, muitas vezes, não oferece os mesmos encantos, gerando desinteresse e falta de motivação pelos estudos.

Outro importante elemento no que diz respeito à motivação dos alunos é que muitos não compreendem, de forma prática e significativa, o motivo pelo qual estão estudando determinado conteúdo. Por outro lado, alguns docentes não fazem ligação entre o conteúdo teórico e o cotidiano do aluno, tornando esse conhecimento sem um sentido, contribuindo para tornar o ambiente desestimulante.

Nessa linha, Goulart (2000, p. 35) afirma que “uma aprendizagem deve ser significativa, isto é, deve ser algo significativo, pleno de sentido, experiencial, para a pessoa que aprende”. Sendo assim, é papel do professor aproximar o conteúdo de suas aulas da realidade do aluno, proporcionando a ele a possibilidade de utilizar esses novos conhecimentos adquiridos no seu cotidiano.

Esses fatores estão diretamente ligados à evasão escolar, já que o desinteresse é apontado como uma das principais razões do abandono dos estudos pelos jovens, conforme demonstra a pesquisa *Motivos da Evasão Escolar* feita pela Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro (FGV-RJ) em 2009, que aponta que

40% dos jovens de 15 a 17 anos deixam de estudar porque acreditam que a escola é desinteressante.

Vygotsky (1991) postula que a motivação é um dos fatores principais para o sucesso da aprendizagem e, portanto, não se pode pensar no aluno sem o professor, pois esse último irá motivar aquele a aprender, numa relação dialógica, tanto dentro da escola como fora dela. Nesse sentido, o professor tem a importante função de não somente ser o transmissor do conhecimento, mas também um mediador do processo ensino-aprendizado, portanto assume a figura de motivador, já que é ele o responsável por elaborar as estratégias de ensino.

Seguindo nessa linha, Guimarães afirma que:

Um estudante motivado mostra-se ativamente envolvido no processo de aprendizagem, engajando-se e persistindo em tarefas desafiadoras, despendendo esforços, usando estratégias adequadas, buscando desenvolver novas habilidades de compreensão e de domínio. Apresenta entusiasmo na execução das tarefas e orgulho acerca dos resultados de seus desempenhos, podendo superar previsões baseadas em suas habilidades ou conhecimentos prévios (2004, p. 143).

Em relação à motivação, Huertas (apud KNÜPPE. 2006) salienta que existem dois tipos: motivação intrínseca e motivação extrínseca.

A motivação extrínseca tem origem em fatores externos ao indivíduo. O sujeito faz determinada tarefa ou a finalidade de sua ação é para ter alguma recompensa ou para não ser castigado. Sendo assim, a punição ou a recompensa mobiliza o sujeito.

A motivação intrínseca tem origem em fatores internos ao indivíduo, relaciona-se com a sua forma de ser, os seus interesses, os seus gostos. Sob a perspectiva da teoria da autodeterminação desenvolvida por Deci e Ryan (1985), a motivação intrínseca pode ser entendida como fator natural ao ser humano que impulsiona suas potencialidades, ou seja, ela é quem mantém o indivíduo em crescimento, desenvolvendo-se para as integrações sociais e psicológicas.

Levando em consideração o processo de ensino-aprendizagem, ambas as motivações são relevantes, sendo a intrínseca de fundamental importância, pois o processo de aprendizagem depende dessa motivação, na medida em que o aluno precisa estar motivado para aprender, ainda que nem sempre o propósito seja o processo de aprendizagem por si só. Por outro lado, um ambiente estimulador

poderá promover os interesses e motivações internas dos alunos em relação aos estudos. Segundo Torres,

a motivação é o combustível que move o sujeito, assim como, é a energia que lhe dá forças para enfrentar as dificuldades encontradas nos caminhos que escolhe percorrer. Em razão disso, sem motivação, sua existência se tornaria despida de sentidos, o que o levaria a não ter curiosidade por nada que acontece ao seu redor (2014, p. 2).

Portanto, a desmotivação pode afetar o processo de ensino-aprendizagem, tornando o aluno menos estimulado e empenhado para realizar as atividades propostas pelo professor.

Em seu estudo, Soares (2003, p. 121) deixa claro que “as características do professor e do ambiente em sala de aula afetam decisivamente o rendimento dos alunos”. Sendo assim, é responsabilidade do docente manter um ambiente favorável ao aprendizado.

Freire (1996, p. 96) diz que “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam, não dormem”.

Com relação à aprendizagem, Santos (2002, p. 2) afirma que “o modelo de aprendizagem que embasa as necessidades de nosso tempo não é mais o modelo tradicional que acredita que o aluno deve receber informações prontas e ter, como única tarefa, repeti-las na íntegra”. Desse modo, o aluno deixa de ser somente um receptor de conteúdos e passa a ser peça fundamental do processo de ensino-aprendizagem.

Em contrapartida, a Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizado feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2013) aponta que o Brasil é o país onde mais se perde tempo organizando a classe. A indisciplina por aqui gera uma perda de 20% no tempo da aula, enquanto a média internacional é de 13%.

Assim como a nossa vida em sociedade prevê a criação e o cumprimento de regras e normas para um convívio que possibilite o diálogo, a cooperação e a interação entre os membros dos grupos sociais, a escola também precisa de regras e normas para orientar a convivência entre todos que nela atuam.

Em concordância, De La Taille analisa que

[...] crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os 'limites' implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo (2002, p. 9).

Na idade escolar, os jovens começam a testar seus limites e dos que estão ao seu redor, confrontar regras e experimentar coisas novas, e é de fundamental importância que a escola esteja preparada para atender aos anseios dessa juventude.

6 RESULTADOS

Neste capítulo, em um primeiro momento buscaremos identificar os níveis de interesse dos alunos do nono ano do ensino fundamental pelas aulas. Na segunda seção, pretendemos analisar os fatores que podem interferir nos níveis de interesse dos alunos. Em seguida, por meio das respostas dos entrevistados, propor reflexões para lidar com alunos e turmas com o intuito de elevar os níveis de interesse dos alunos pelas aulas.

6.1 OS ALUNOS DO NONO ANO E SEUS NÍVEIS DE INTERESSE

Inicialmente, com vistas a identificar o interesse dos alunos do nono ano da Escola Municipal Nilo Peçanha, pedimos para que situassem o seu nível de interesse pelas aulas, e as respostas apresentamos abaixo:

Tabela 1 – Níveis de interesse pelas aulas

Níveis	Estudantes	%
Me interesse muito	11	44,0%
Me interesse mais ou menos	9	36,0%
Me interesse pouco	5	20,0%
Não tenho interesse	0	0,0%
Total	25	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa realizada pelo autor, no 2º semestre de 2015, para elaboração da pesquisa.

Mais da metade dos entrevistados respondeu que tem um interesse regular ou pouco interesse pelas aulas.

Cabe ressaltar que, dos que responderam que se interessam mais ou menos e dos que têm pouco interesse pelas aulas, uma boa parte deles justifica que seu nível de interesse está ligado à matéria e/ou ao professor. Como podemos constatar nas respostas abaixo:

Depende da aula e da matéria (Estudante 22).

Me interesse por algumas só (Estudante 13).

[...] nem todas matérias me agradam (Estudante 10).

É sempre chato (Estudante 16).

Por conseguinte, é de incumbência de o educador criar um ambiente favorável ao aprendizado dos educandos. Guimarães (2004, p. 147) sustenta que “[...] a sala de aula torna-se fonte de influência para o seu nível de envolvimento”. Portanto, o ambiente de sala de aula pode alterar os níveis de interesse dos alunos por determinada matéria e, conseqüentemente, pelas aulas.

Dos entrevistados que alegam ter muito interesse pelas aulas, muitos acreditam que as aulas podem fornecer subsídio para um futuro promissor, consoante as seguintes respostas:

[...] quero aprender sempre, para ter um futuro bom (Estudante 1).

Vai fazer diferença na minha vida (Estudante 7).

Penso no futuro (Estudante 24).

Em um segundo momento, os alunos deveriam indicar por quais matérias se interessavam mais, por quais matérias se interessavam menos e justificar sua resposta¹. Seguem as respostas abaixo:

Tabela 2 – Matérias de maior interesse

Matérias	Frequência	%
Português	11	44,0%
Artes	0	0,0%
Geografia	10	40,0%
Matemática	17	68,0%
Ciências	4	16,0%
Educação Física	10	40,0%
Inglês	1	4,0%
História	3	12,0%
Projeto de Vida	8	32,0%
Nenhuma matéria	0	0,0%
Total	64 (25 alunos)	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pelo autor, no 2º semestre de 2015, para elaboração da pesquisa.

As matérias que despertam grande interesse dos alunos são Matemática e Português, seguidas de Geografia e Educação Física. Os professores foram citados

¹ Convém destacar que os alunos poderiam escolher duas opções para esses questionamentos; por conta disso, se somarmos o percentual total, o resultado ultrapassa 100%, e alguns escolheram mais de duas, por isso o número de respostas ficou maior que o dobro da quantidade de alunos.

por um número significativo dos entrevistados como fundamentais para determinação do interesse pela matéria. Como podemos ver abaixo:

Aulas mais legais e melhores professores (Estudante 16)

Porque os professores fazem a diferença (Estudante 12)

Assim, verifica-se a imprescindibilidade dos docentes na difícil tarefa de despertar no aluno entusiasmo no seu aprendizado. Freire (1996) credita ao bom professor o tornar sua aula um desafio constante para o aluno, transformando o aprendizado algo instigante.

Por outro lado, segue abaixo a tabela com os números das matérias que despertam menor interesse dos alunos:

Tabela 3 – Matérias de menor interesse

Matérias	Frequência	%
Português	4	16,0%
Artes	11	44,0%
Geografia	1	4,0%
Matemática	5	20,0%
Ciências	6	24,0%
Educação Física	3	12,0%
Inglês	7	28,0%
História	4	16,0%
Projeto de Vida	1	4,0%
Nenhuma matéria	2	8,0%
Total	44(25 alunos)	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pelo autor, no 2º semestre de 2015, para elaboração da pesquisa.

Artes figura em primeiro da lista, seguido de Inglês, Ciências e Matemática. Grande parte dos alunos justificou sua resposta citando razões, como a pouca importância da matéria para o futuro e aulas que não motivam e/ou professores chatos, como podemos ver abaixo:

Não tem importância (Estudante 13).

Aulas desmotivantes e chatas (Estudante 16).

[...] na minha opinião, não vão fazer muita diferença (Estudante 10).

Aulas chatas, professoras sem controle (Estudante 12).

Sendo assim, a motivação afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem, e, como indica Torres (2014, p 02), “A motivação é o combustível que move o sujeito”. Entretanto, a falta de motivação pode paralisar o aluno na busca pelo conhecimento. Torres (2014) salienta que a desmotivação leva o sujeito a não ter curiosidade por nada que acontece à sua volta.

6.2 FATORES QUE PODEM ALTERAR OS NÍVEIS DE INTERESSE

Nesta segunda seção, analisaremos os possíveis fatores que podem alterar os níveis de interesse dos alunos. Almeja-se apontar prováveis elementos que contribuam para elevar ou diminuir o grau de interesse pelas aulas.

Para tanto, foi perguntado aos entrevistados se os conteúdos abordados pelos professores faziam sentido para eles. Seguem, abaixo, as respostas:

Tabela 4 – O sentido dos conteúdos das matérias

Níveis	Estudantes	%
Os conteúdos das aulas fazem/faziam sentido	19	76,0%
Os conteúdos não fazem sentido	2	8,0%
Mais ou menos	3	12,0%
Devem ter sentido, mas não sei qual	1	4,0%
Total	25	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa realizada pelo autor, no 2º semestre de 2015, para elaboração da pesquisa.

Apesar de uma grande quantidade de alunos ter demonstrado pouco ou regular interesse pelas aulas, como podemos ver na Tabela 4, a grande maioria consegue identificar o sentido dos conteúdos. Não se pode pensar em uma prática educativa isolada da realidade do aluno. Assim como atesta Goulart (2000), quando diz que a aprendizagem deve ser algo com significado, baseado nas experiências da pessoa que aprende.

Com isso, a falta de significado dos conteúdos pode gerar um distanciamento do aluno. Logo, quando o professor consegue fazer a ligação do conhecimento transmitido com sua aplicação diária, provoca uma maior interação e o estudante passa a ter um vínculo com a aprendizagem. Assim sendo, Ausubel (2003) assegura que uma aprendizagem é mais significativa conforme o novo conteúdo é incluído às

estruturas de conhecimento de um aluno e ganha significado para ele a partir da relação com seu conhecimento anterior.

Com o intuito de entender os motivos que podem alterar os níveis de interesse, perguntamos aos alunos sobre que tipo de aula gostam de assistir e que tipo de aula não gostam de assistir². Segue a tabela com o tipo de aula que eles não gostam de assistir:

Tabela 5 – Tipos de aula que os alunos NÃO gostam de assistir

Metodologias	freq.	%
Aula em que somente o(a) professor(a) fala	13	52,0%
Aula que tem muito dever	14	56,0%
Quando tem muita bagunça na sala	18	72,0%
Quando eu não gosto do conteúdo	12	48,0%
Quando eu tenho de falar na frente de toda a turma	10	40,0%
Com explicações e dever	0	0,0%
Com vídeos	1	4,0%
Com jogos educativos	0	0,0%
Com tecnologia (<i>notebook, smartphone</i> etc.)	0	0,0%
Com muitos exercícios	6	24,0%
Com debates e discussões	2	8,0%
Aula em que o(a) professor(a) faz relação dos conteúdos com exemplos do cotidiano	0	0,0%
Total	76 (25 alunos)	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pelo autor, no 2º semestre de 2015, para elaboração da pesquisa.

A bagunça em sala de aula é lembrada pela grande maioria dos alunos como um fator determinante no que diz respeito ao interesse por uma aula, assim como mostrou recente pesquisa internacional feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2013), que aponta o Brasil como um dos países com maior índice de indisciplina na escola.

A opção “Aula onde somente o(a) professor(a) fala” foi lembrada por uma quantidade significativa dos estudantes. Essas aulas, geralmente, são voltadas para a figura do professor centralizador, que detém o conhecimento, e o aprendiz é visto como um mero espectador, dificultando o desenvolvimento do pensamento crítico.

A alternativa referente à quantidade de dever em sala de aula foi a segunda mais escolhida pelos estudantes como fator determinante no que diz respeito ao não

² Convém destacar que os alunos poderiam escolher quantas opções fossem convenientes para ele; por conta disso, se somarmos o percentual total, o resultado ultrapassa 100%.

gostar de uma aula. Naturalmente, os deveres ou trabalhos escolares são estratégias importantes no processo de ensino e aprendizagem, no entanto há que se refletir sobre a quantidade e a pertinência deles para o alcance dos objetivos de cada disciplina.

Sendo assim, com as transformações que ocorrem de forma acelerada, é difícil manter os moldes tradicionais de ensino, pois esses deixam de corresponder às necessidades atuais do alunado.

Segue abaixo a Tabela 6, que é relacionada aos tipos de aula que os alunos gostam de assistir:

Tabela 6 – Tipos de aula que os alunos GOSTAM de assistir

Metodologias	Frequência	%
Aula em que somente o(a) professor(a) fala	2	8,0%
Aula que tem muito dever	3	12,0%
Quando tem muita bagunça na sala	2	8,0%
Quando eu não gosto do conteúdo	1	4,0%
Quando eu tenho de falar na frente de toda a turma	2	8,0%
Com explicações e dever	13	52,0%
Com vídeos	20	80,0%
Com jogos educativos	22	88,0%
Com tecnologia (<i>notebook, smartphone</i> etc.)	24	96,0%
Com muitos exercícios	3	12,0%
Com debates e discussões	17	68,0%
Aula em que o(a) professor(a) faz relação dos conteúdos com exemplos do cotidiano	15	60,0%
Total	124 (25 alunos)	

Fonte: Dados da pesquisa realizada pelo autor, no 2º semestre de 2015, para elaboração da pesquisa.

Seja por meio de computador, *smartphone*, *tablets* etc., as diferentes tecnologias fazem parte do dia a dia dos docentes e a utilização de tecnologia nas aulas deve ser vista como uma ferramenta que auxilia a aprendizagem, em que os alunos sejam agentes do seu próprio conhecimento e o professor tem papel importante nesse processo, uma vez que deve acompanhar o desenvolvimento do aluno e intervir sempre que necessário.

Os jogos educativos são citados por um grande número de alunos e podem ser uma boa ferramenta educacional. Segundo Vygotsky (1989), o lúdico influencia enormemente o desenvolvimento dos alunos. É através do jogo que eles aprendem

a agir. Sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

Além disso, o conteúdo e o material usado devem, sempre que possível, ter relação com o cotidiano do aprendiz. Freire enfatiza que

Quase sempre, é escrito em linguagem acadêmica, uma língua que eles não usam. Trata quase sempre de temas irrelevantes às suas experiências e que não estão sincronizados com o ritmo perceptual da cultura de massa, um ambiente eletrônico e acelerado (1986, p. 16).

6.3 PROPOR REFLEXÕES PARA LIDAR COM ALUNOS E TURMAS DESINTERESSADOS

Nesta última seção, pretende-se propor reflexões que auxiliem os educandos na busca pela atenção e interesse dos alunos pelas aulas. Os entrevistados responderam uma questão aberta referente aos tipos de práticas utilizadas pelos professores que poderiam deixar a sua aula mais legal e interessante.

Um número significativo de estudantes aponta a interação entre professor e aluno como um fator crucial para que uma aula seja atrativa, conforme as respostas abaixo:

Ser mais compreensivo (Estudante 3).

Interagir mais com o aluno (Estudante 4).

Ter uma aula dinâmica, ouvir a opinião dos alunos (Estudante 9).

Se entrosar com os alunos (Estudante 10).

Ser educado, coisas novas, jogos, divertimento, desafios (Estudante 12).

Menos dever, ser educado e divertido (Estudante 15).

Ser legal, aula no computador, aula com música (Estudante 21).

[...] a professora tem que ser legal (estudante 24).

Escutar mais os alunos (Estudante 25).

Em vista disso, evidencia-se a necessidade da atuação do professor ser alicerçada também no desenvolvimento de aspectos comportamentais. Jesus (2007) nos apresenta que, em diversas pesquisas recentes, a relação com os alunos pode

ser o principal fator de mal-estar, mas também pode ser o principal fator de satisfação, realização e bem-estar docente.

Sendo assim, os fatores pessoais são fundamentais e precisam ter a nossa atenção, com o objetivo de construirmos melhores relacionamentos, e, como resultado, melhores condições de aprendizado.

Outro aspecto bastante mencionado pelos estudantes faz relação com o modelo educacional. Seguem, abaixo, alguns relatos:

Aulas mais práticas, fugindo um pouco do normal, quadro (Estudante 5).

Ter mais dinâmica, o interesse de ambas as partes (Estudante 6).

Ter uma aula dinâmica, ouvir as opiniões dos alunos (Estudante 9).

Novos conceitos como: desenvolvimento de atividades junto dos alunos (Estudante 19).

Como afirma Santos (2002), o modelo de aprendizagem que se caracteriza somente pela transmissão e acúmulo de conteúdos não é mais o suficiente para suprir as necessidades de nosso tempo. A escola e o professor precisam estar comprometidos com uma formação global do seu alunado, identificando a seriedade de trabalhar diversas questões de interesse e necessidade dos alunos, visando, também, uma formação mais crítica, humana e social.

Como vivemos em um mundo altamente tecnológico, o uso das tecnologias para fins educacionais é uma realidade cada vez mais próxima do ambiente escolar e atrai bastante atenção dos estudantes, como podemos ver em suas respostas:

Tentar 'abusar' mais da tecnologia, ao invés daquela coisa monótona que é o caderno e a caneta, estamos no século XXI, e a tecnologia ajuda bastante no ensino! (Estudante 11).

Mais brincadeiras educativas, mais aula na informática, coisas diferentes (Estudante 13).

Tornar o uso da tecnologia um ótimo instrumento educativo (Estudante 17).

Ser legal, aula no computador, aula com música (Estudante 21).

Como podemos ver pelos relatos, aulas do modelo tradicional já não atraem mais os jovens como antes. A internet, atualmente, é um dos maiores meios de comunicação e pode ser usada no método de construção do conhecimento, complementando o processo de ensino-aprendizagem. A internet pode auxiliar o

aluno em pesquisas sobre temas escolhidos pelo professor ou por ele mesmo, ajuda na comunicação entre turmas e/ou professores e na elaboração e publicação de projetos. Portanto, essas diferentes utilizações podem contribuir para o estudante desenvolver novos conhecimentos ou compartilhar informações. Entretanto, Valente (2002, p. 137) destaca que “A interação aluno-computador necessita da intervenção de um profissional – agente de aprendizagem – que tenha conhecimento do significado do processo de aprendizagem baseado na construção de conhecimento”. No ambiente escolar, essa função é desempenhada pelo professor.

7 CONCLUSÃO PARCIAL

O desinteresse dos alunos pelas aulas é um dos fatores de maior preocupação dos educadores. São comuns reclamações dos docentes da Escola Municipal Nilo Peçanha acerca da desmotivação, pouca participação e não cumprimento de tarefas por parte do alunado.

Neste estudo, tivemos o objetivo de identificar os níveis de interesse dos alunos do nono ano do ensino fundamental pelas aulas de todas as disciplinas e quais metodologias utilizadas pelos professores afetam esses níveis de interesse dos estudantes. Nosso campo de pesquisa envolveu estudantes do nono ano da

Escola Municipal Nilo Peçanha, localizada no bairro de São Cristóvão, Município do Rio de Janeiro.

Inicialmente, analisamos o nível de interesse dos alunos do nono do Ensino Fundamental pelas aulas e verificamos que mais da metade dos estudantes demonstrou ter pouco ou regular interesse pelas aulas, corroborando com o que foi constatado empiricamente. Grande parte desses alunos aponta o professor e/ou a matéria como justificava para o seu nível de interesse. Portanto, o ambiente de sala de aula pode alterar os níveis de interesse dos alunos por determinada matéria e, conseqüentemente, pelas aulas.

As matérias que mais atraem a atenção dos alunos são Matemática e Português, seguidas de Geografia e Educação Física, e os professores foram lembrados por um número significativo como fundamentais para a determinação do interesse pela matéria, mostrando o quanto os docentes são imprescindíveis na tarefa de despertar o entusiasmo do aluno.

Na linha contrária, Artes e Inglês despertam um menor interesse por parte dos estudantes, que fundamentam suas respostas citando razões como a pouca importância da matéria para o futuro e aulas que não motivam e/ou professores chatos. Por consequência, a falta de motivação afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem, tornando o aluno sem vontade de aprender coisas novas.

Em um segundo momento, buscamos analisar os possíveis fatores que podem alterar os níveis de interesse dos alunos e apontar prováveis elementos que contribuam para elevar ou diminuir o grau de interesse pelas aulas. Apesar do desinteresse constatado na pergunta anterior, a grande maioria dos alunos identifica o sentido dos conteúdos para o seu cotidiano e uma pequena parte não consegue fazer uma relação do que está sendo aprendido com sua utilização prática.

Com o objetivo de entender as causas de alterações dos níveis de interesse, perguntamos quais tipos de aula os estudantes gostavam de assistir e quais eles não gostavam de assistir, e a bagunça em sala aparece como maior justificativa para o desinteresse por uma aula. Uma grande quantidade de dever e a figura do professor centralizador, detentor do conhecimento e único falando em sala, também aparecem como vilões do interesse.

Por outro lado, o uso de tecnologia como auxiliar do processo de aprendizagem, a utilização de jogos educativos e aulas com uma interação maior do aluno são apontadas como as preferidas pelos estudantes.

Para completar, os entrevistados responderam uma pergunta aberta sobre as práticas dos professores que podem tornar suas aulas mais legais e atrativas. Ficou evidente nas respostas que o trato entre professor e aluno é essencial para o bom andamento de uma aula. Desse modo, construir melhores relações pessoais ajuda no desenvolvimento de melhores condições de aprendizagem.

Somado a isso, o modelo educacional tradicional já não consegue mais suprir as demandas dos tempos atuais. As necessidades e interesses dos alunos, assim como o estímulo à participação constante deles nas aulas, devem ser determinantes na intenção de formar um indivíduo mais crítico, humano e social.

As tecnologias atraem bastante os jovens e podem ser usadas como ferramenta educacional. Sua utilização para tornar a aula mais atrativa e legal é mencionada por uma boa parte dos estudantes. A internet é um dos maiores meios de comunicação da atualidade e pode ser uma aliada do professor e do aluno.

O presente estudo visou identificar os níveis de interesse dos alunos pelas aulas, analisando somente a visão dos próprios alunos. Deixo para futuras pesquisas uma investigação, fazendo um elo entre o pensamento do aluno com o pensamento do professor.

Os dados apresentados por este artigo pretendem auxiliar educadores a respeito da árdua missão de despertar nos estudantes do ensino fundamental o interesse pelas aulas, com a finalidade de melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: Uma perspectiva cognitiva, Lisboa: Plátano, 2003.

CEBRAP: o que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola. Projeto de pesquisa desenvolvido pelo CEBRAP com o apoio da Fundação Victor Civita, 2013.

DE LA TAILLE, Y. **Limites**: três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopes. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, I. B. **Psicologia da Educação**: Fundamentos teóricos. Aplicações à prática pedagógica. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUIMARÃES, S. É; BORUCHOVITCH, E. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da teoria da autodeterminação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre: v. 17, n. 2, 2004.

JESUS, Saul Neves de. **Professor sem stress**: realização e bem-estar docente. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KNÜPPE, L. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do ensino fundamental. **Educar em revista**, Curitiba, n. 27, 2006.

MARIANI, M. F. M; ALENCAR, E. M. L. S. Criatividade no trabalho docente segundo professores de história: limites e possibilidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n1/9n1a03.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2015

PEREIRA, M. S. F; KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação**. O mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1989.

PESQUISA Internacional sobre Ensino e Aprendizado feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2013). Disponível em: <<http://www.oecd.org/edu/school/TALIS-2013-country-note-Brazil-Portuguese.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

SANTOS, J. C. F. **O desafio de promover a aprendizagem significativa**. Disponível em: <<http://www.juliofurtado.com.br/textodesafio.pdf>>. Acesso em 04 jan. 2016.

SOARES, T. M. Influência do professor e do ambiente em sala de aula sobre a proficiência alcançada pelos alunos avaliados no SIMAVE-2002. **Estudos em Avaliação Educacional**, Juiz de Fora, n. 28, 2013. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1112/1112.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2015.

TORRES, A. R; DUARTE, G. D. **Motivação na Educação: Uma ferramenta a ser compartilhada por Alunos, Professores e Gestores Educacionais, 2014**. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1494-0.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2015.

VALENTE, J. A. Uso da internet em sala de aula. **Educar**, Curitiba, Editora da UFPR, n. 19, 2002. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2086/1738>>. Acesso em: 05 jan. 2016

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: **A formação social da mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário – Nível de Interesse

Questionário: Nível de Interesse – Alunos Nilo Peçanha

O presente questionário tem o objetivo de analisar os níveis de interesse pelas aulas dos alunos da Escola Municipal Nilo Peçanha e conhecer quais fatores interferem nesses níveis de interesse. **NÃO PRECISA SE IDENTIFICAR**. Peço que sejam bem sinceros nas respostas.

1 - Qual o seu nível de interesse pelas aulas da sua escola?

() Me interessa muito

- () Me interesse mais ou menos
- () Me interesse pouco
- () Não tenho interesse

Justifique, por favor:

2 - Para você:

- () Os conteúdos das aulas fazem/fizeram sentido
- () Os conteúdos não fazem sentido
- () Mais ou menos
- () Devem ter sentido, mas não sei qual

3 - Quais são as matérias que você tem MAIS interesse (marque no máximo duas)?

- () Português
- () Artes
- () Geografia
- () Matemática
- () Ciências
- () Educação Física
- () Inglês
- () História
- () Projeto de Vida
- () Nenhuma matéria

Por que essas matérias te interessam MAIS?

4 - Quais são as matérias que você tem MENOS interesse (marque no máximo duas)?

- () Português
- () Artes
- () Geografia
- () Matemática
- () Ciências
- () Educação Física
- () Inglês
- () História
- () Projeto de Vida
- () Nenhuma matéria

Por que essas matérias te interessam MENOS?

5 - Que tipo de aula você NÃO gosta de assistir? Pode marcar mais de uma opção.

- () Aula em que somente o(a) professor(a) fala
- () Aula que tem muito dever
- () Quando tem muita bagunça na sala
- () Quando eu não gosto do conteúdo
- () Quando eu tenho de falar na frente de toda a turma

- Com explicações e dever
 - Com vídeos
 - Com jogos educativos
 - Com tecnologia (*notebook, smartphone etc.*)
 - Com muitos exercícios
 - Com debates e discussões
 - Aula em que o(a) professor(a) faz relação dos conteúdos com exemplos do cotidiano
- Outros? Qual ou quais?

6 - Que tipo de aula você GOSTA de assistir? Pode marcar mais de uma opção.

- Aula em que somente o(a) professor(a) fala
- Aula que tem muito dever
- Quando tem muita bagunça na sala
- Quando eu não gosto do conteúdo
- Quando eu tenho de falar na frente de toda a turma
- Com explicações e dever
- Com vídeos
- Com jogos educativos
- Com tecnologia (*notebook, smartphone etc.*)
- Com muitos exercícios
- Com debates e discussões
- Aula em que o(a) professor(a) faz relação dos conteúdos com exemplos do cotidiano

Outros? Qual ou quais?

7 - Em sua opinião, o que o(a) professor(a) poderia fazer para tornar a sua aula mais legal e interessante?